

Itinerários da loucura em territórios dogon, por Denise Dias Barros. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. 260 p. (Coleção: Loucura & Civilização).

*Marina Berthet**

Quais são as representações sobre a doença mental e o sofrimento psíquico em diferentes sociedades? Como vivem as pessoas quando estão doentes? A disciplina da etnopsicologia propõe algumas respostas a essas duas perguntas. Esta disciplina oferece também ferramentas que permitem analisar, entre outros elementos, os transtornos mentais, as reações dos pacientes confrontados a uma doença mental assim como os processos inconscientes vividos por eles e que decorrem dessas doenças. Vale lembrar que recorrer a esta disciplina para entender quais são os modos de interpretação de uma doença mental em uma dada sociedade exige o conhecimento de aspectos clínicos e antropológicos do meio sociocultural onde a pesquisa é realizada. As análises etnopsicológicas têm ainda como propósito o estudo das representações culturais e práticas das doenças, levando em conta o paciente como ser singular dentro da sua cultura. A pesquisa apresentada neste livro se inscreve nesta linha de raciocínio.

Denise Dias Barros nos convida a descobrir algumas representações e práticas do universo Dogon, mas também a conhecer as explicações sociais e significados dados pelos atores envolvidos na doença. Por “itinerários da loucura” entendemos que se trata dos diversos processos individuais vivenciados pelos pacientes na sua experiência com a loucura; a multiplicidade das expe-

* Doutora em Antropologia Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

riências individuais é apresentada em varias localidades ou “territórios Dogon” que foram visitados pela pesquisadora.

A palavra Dogon remete ao mesmo tempo a uma região do Mali, país da África, na fronteira com o Burkina Faso, e a uma sociedade matriz que se difundiu nesta região. O sumário do livro nos ajuda a entender o trabalho realizado pela pesquisadora entre 1994 e 1996 para realizar esta pesquisa.

Depois do primeiro contato estabelecido com o país no capítulo *entreatar*, a pesquisadora contextualiza, histórica e antropológicamente, a sociedade Dogon no capítulo chamado *situar*. Através de verbos de ação, que correspondem aos títulos dos diferentes capítulos, acompanhamos a evolução da pesquisa. Os capítulos intitulados *chegar*, *tecer*, *ouvir*, *trilhar* constituem o foco da pesquisa. Observando, ouvindo, acompanhando, se movimentando e interpretando, a pesquisadora nos transmite informações e os dados necessários para entender a maneira como a loucura é interpretada, diagnosticada e tratada na sociedade Dogon. Nos capítulos intitulados *Re-compore* e *Continuar*, são apresentadas as terminologias utilizadas pelos terapeutas para definir os diferentes tipos de loucura identificados. O leitor é também convidado a ler a síntese das interpretações realizadas pelos terapeutas. No capítulo *Permanecer*, somos convidados a descobrir visualmente momentos do cotidiano Dogon através de fotos esteticamente bem resolvidas que mostram, por exemplo, algumas localidades visitadas, atividades cotidianas realizadas nas comunidades, momentos de cura e retratos de terapeutas.

Os transtornos mentais ligados à loucura que ocorrem na sociedade Dogon e as representações culturais ligadas a esta doença são temas chaves do livro de Denise Dias Barros. A variável cultura é aqui fundamental para se entender as especificidades terapêuticas elaboradas por esta sociedade confrontada à loucura. Os contos (quinze são apresentados no livro), as observações, o acompanhamento dos doentes e as entrevistas são ferramentas essenciais escolhidas para a coleta de dados durante o trabalho de campo. As observações e entrevistas foram realizadas com diferentes atores sociais, terapeutas, pacientes e suas famílias e adivinhos, todos implicados no processo de descoberta da doença e nas tentativas de cura. A diversidade das ferramentas propostas e a quantidade de pessoas entrevistadas provam a preocupação da pesquisadora em diversificar suas fontes de informações e, sobretudo insistir na existência de itinerários diferenciados na vivência da doença.

Situar a sociedade Dogon e seu espaço geográfico nos leva a descobrir uma parte do Mali. A aposta não é fácil, mas corajosa quando se sabe o quanto à sociedade Dogon se tornou uma referência clássica do universo das pesquisas antropológicas sobre África, notadamente através dos escritos de Marcel Griaule, e as críticas dos mesmos.

Chegar nesta sociedade permite entender como a pesquisadora conduziu sua pesquisa no cotidiano das localidades onde trabalhou. Ela evoca ainda como ocorreram os encontros com os pacientes e suas famílias e, por fim, como desenvolveu a pesquisa e procedeu à coleta dos dados e se investiu no trabalho em equipe.

No ato de *tecer*, a pesquisadora conduz o leitor ao universo das pesquisas realizadas sobre o tema da psiquiatria e da antropologia sobre doenças mentais em terras africanas, revisitando vários conceitos destas disciplinas e apontando as noções essenciais a serem utilizadas para progredir na pesquisa. Uma das informações mais importantes deste capítulo mostra que a sociedade Dogon, como qualquer outra sociedade humana, é detentora de saberes que lhe pertencem e que ela utiliza para explicar as doenças mentais. A pesquisadora explica que a interpretação da doença permite compreender um indivíduo dentro do seu processo individual de doente e ao mesmo tempo dentro das representações coletivas da sua sociedade. Isto significa que a pesquisa não se aplica apenas a dados patológicos ou considerados como tais, mas muito mais a itinerários, no seu sentido pleno, ou seja, às trajetórias dos doentes inseridos nos seus contextos socioeconômicos. A loucura é um elemento cultural que provoca um diálogo constante entre o indivíduo e as redes sociais nas quais ele vai necessariamente tecer sua trajetória acompanhado pelos atores implicados no tratamento da sua doença.

As representações coletivas da loucura, *wede-wede* como é chamada na sociedade Dogon, são primeiramente analisadas através dos contos. *Ouvindo*, a pesquisadora apresenta estes contos e os interpreta com a ajuda de vários narradores e tradutores. A loucura não é distinta de outras doenças mentais nas suas manifestações físicas, e suas conseqüências no meio social são: a solidão, o afastamento das redes sociais e das atividades cotidianas, o isolamento, e por vezes a morte. As representações coletivas elaboradas permitem explicar e atribuir sentido aos acontecimentos ligados ao mundo do invisível. Dentro do sistema social Dogon, a loucura é um sinal de desequilíbrio. A origem do mal,

do sofrimento da pessoa, tem sempre uma ligação com o mundo do invisível. A loucura se manifesta porque houve, por exemplo, uma quebra de regras, a violação de um tabu ou a inveja de uma outra pessoa. Neste caso, os feiticeiros atendem à demanda de um terceiro que sente um rancor pessoal ou inveja. A loucura pode ainda ser provocada por um antepassado, por um fato extraordinário ou excepcional; é o caso do conto três (p. 92). Ainda na barriga da sua mãe, o bebê perde seu futuro pai e será entregue, ao nascer, aos cuidados de uma outra pessoa que não a mãe. Perder o pai é o primeiro momento inusitado da vida do indivíduo, e não receber os cuidados da sua própria mãe, como a amamentação, é o segundo momento. Devido a esses dois fatos a criança será atingida pela loucura. Muitas vezes, nos contos, a reparação é algo possível e negociável, sobretudo quando a relação e a negociação com as forças invisíveis ou com a natureza são reconhecidas como imprescindíveis no tratamento.

Relações familiares, regras matrimoniais, impureza e bruxaria são alguns dos elementos utilizados para se explicar as manifestações da loucura. Como explica a autora, a loucura é um fenômeno humano, manifestação de um mal, de uma dor ou ainda de tensões nas relações que necessitam encontrar sentidos e tratamentos adequados (p. 137).

Ao *trilhar* caminhos de entendimento para o leitor, a pesquisadora se aproxima dos pacientes e de suas histórias de vida. A presença dos diversos atores implicados no universo da doença, quer sejam os terapeutas, os adivinhos, os próprios pacientes e seus parentes, mostra que a doença é tratada de maneira coletiva.

Os processos de cura são dinâmicos e testemunhas de um percurso percorrido de tratamento, etapas múltiplas de vivência da doença. Durante o tratamento, a família procura muitas vezes preservar a rede social da pessoa, tentando inseri-la constantemente nas atividades cotidianas, procurando evitar o seu isolamento completo, o que nem sempre é possível, sobretudo quando ela passa a insultar e agredir seus parentes ou estranhos. O diagnóstico de loucura pode ser confirmado através de uma consulta ao adivinho, que pode revelar a origem e as causas da doença e indicar as medidas apropriadas para o tratamento. Os atos terapêuticos exigem um preparo e, sobretudo, a necessidade de interrogar o invisível para saber se a natureza do mal é diretamente ligada a uma falta de cumprimento de regras. Dois recursos importantes são usados no tratamento: os cultos direcionados à ancestralidade e ao mundo invisível. Os

remédios muitas vezes se encontram em lugares acessíveis e podem ser fabricados a partir de elementos naturais devidamente (e são) sacralizados.

No capítulo *Re-compor*, as classificações dos tipos de loucura feitas pelos terapeutas dão a entender que a idéia de um estranhamento, algo estrangeiro, permeia todos os diagnósticos de loucura. Seres vivos ou invisíveis, muitas vezes, intervêm quando o indivíduo adoecer.

Palavras têm significado importante para os atores que se situam entre o doente e a doença, ou seja, os narradores, terapeutas e adivinhos. Ao adoecer o doente vive uma experiência individual transformadora. O capítulo *continuar* evoca a importância do período que se segue ao tratamento, com os frequentes rituais necessários de agradecimento ou procura de novos tratamentos, caso o primeiro não resolva a situação do paciente. Neste mesmo capítulo ainda são expostos os caminhos possíveis escolhidos pelos terapeutas, suas eficácias simbólicas e terapêuticas.

A pesquisadora, que realizou um trabalho de campo de mais de dois anos, se propõe a mostrar como a loucura, através de experiências individuais, é analisada pelos atores sociais, ou seja, como ela é classificada, interpretada, elaborada nas representações coletivas etiológicas e sociais presentes nos contos Dogon e como é explicada na linguagem simbólica dos adivinhos. Pluralismo médico, terapêutico, religioso e explicativo: a noção de multiplicidade acompanha estas palavras. Este livro nos oferece a possibilidade de entender o teor cultural Dogon no sistema terapêutico das doenças mentais que produzem sentidos, implicações sociais e significados. O paciente é um indivíduo dentro de um sistema social que lhe oferece explicações sobre sua doença, cuidados, remédios e rituais para se curar. Os dispositivos terapêuticos constituem apenas um dos elementos do sistema de cura. Denise Dias Barros, com grande pertinência, analisa as representações culturais Dogon da loucura, mas também os itinerários dos doentes nas suas interfaces com o psíquico, o cultural e o social. Ao tecer itinerários de loucura através destas dimensões, a pesquisadora, com sua sensibilidade e paciência, entreabre uma cortina que permite descobrir um modo de se pensar o mundo.